

ELEIÇÕES

PL se ajusta e fica à espera de Bolsonaro

Reunião dirigida por Costa Neto desfaz barreiras à entrada do presidente

» RAPHAEL FELICE

A reunião entre presidentes de diretórios estaduais e demais lideranças do PL, ontem, na sede do partido, em Brasília, definiu que o presidente Valdemar Costa Neto terá carta branca para propor as condições necessárias para que Jair Bolsonaro se filie. Isso representa que, segundo políticos presentes à reunião, as divergências em relação a interesses da legenda em apoiar outras candidaturas foram pacificadas. Assim, se o presidente da República assinar a ficha de filiação com o PL, a legenda passará a apoiar sua candidatura à reeleição de forma integral.

“O partido está dando ao presidente Valdemar carta branca para acertar com o presidente Bolsonaro todas as arestas que se tenha em todas as partes do Brasil. Alguns estados tinham algum tipo de dificuldade, mas, com a liderança do presidente Valdemar, tudo está sendo equacionado. Não terá coligação com outro partido que não tenha relação com o presidente Bolsonaro”, assegurou o senador Jorginho Melo (SC), um dos principais aliados do governo no Senado.

A decisão tomada na reunião deve atender aos incômodos expostos por Bolsonaro no começo da semana. No Oriente Médio, ele afirmou que para o “casamento” com o PL sair, o acordo precisaria ser “100% ou 99%”.

Reprodução/PL TV



Valdemar conduziu reunião do PL, na qual caminho foi apainado para entrada de Bolsonaro

Entre as restrições do presidente está a boa relação do partido com integrantes da esquerda, como o governador do Piauí, Wellington Dias (PT), e o apoio à possível candidatura de Rodrigo Garcia, que João Doria — desafeto de Bolsonaro — quer ver como o nome do PSDB para a disputa do governo de São Paulo.

Entendimento fácil

De acordo com o ex-senador

Magno Malta, o entendimento dos membros do partido de chegar a um consenso para contar com Bolsonaro como um dos quadros da legenda foi “fácil”. Ele afirmou que o PL não fará coligações com a esquerda, apesar do histórico bom relacionamento de Valdemar com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

“Há questões pontuais que são resolvíveis. Membros de todos os diretórios estavam

presentes e o PL não vai apoiar o PT ou a esquerda em lugar nenhum”, garantiu Malta.

Em relação a Garcia, segundo o senador Wellington Fagundes (MT) as chances de contar com o apoio do PL para a disputa ao Palácio dos Bandeirantes caíram praticamente para zero. Bolsonaro já avisou que o nome para a disputa ao governo paulista deverá ser o do ministro Tarcísio Gomes de Freitas (Infraestrutura).

Episódio com Ramos derruba trégua no PSDB

» CRISTIANE NOBERTO

A trégua entre os governadores Eduardo Leite e João Doria começou, ontem, a desmoronar. A quatro dias das prévias do PSDB, um episódio do início do ano passado voltou à tona e colocou os dois tucanos em rota de colisão. Isso, depois de ambos terem se entendido sobre o formato de votação dos filiados e também sobre a divulgação do resultado, que deve sair no final da tarde do próximo domingo.

Em 15 de fevereiro de 2020, dois dias antes da primeira aplicação da vacina contra a covid-19 no Brasil, Leite teria pedido a Doria para adiar a data da vacinação a pedido do então ministro-chefe da Casa Civil, general Luiz

Eduardo Ramos. O governador de São Paulo, porém, negou o pedido do colega.

“Lamento, Eduardo, que você tenha se prestado a atender um pedido dessa natureza do general Ramos. Diga a ele que vamos iniciar a vacinação, tão logo a Anvisa autorize a utilização da CoronaVac. E que eu estou ao lado da vida e dos brasileiros”, teriam sido as palavras de João Doria à Leite, na época.

O governador gaúcho confirmou que teria, sim, ligado para Doria para reportar o pedido do general — que pretendia que o calendário paulista acompanhasse o da vacinação do governo federal. Contudo, Leite nega que tenha pedido qualquer adiamento.

“Em nenhum momento pedi

adiamento da vacinação. O ministro me ligou, eu liguei para o meu colega de partido e colega governador, e relatei o telefonema que recebi para cumprir a praxe. E dei, inclusive, razão a Doria para iniciar a vacinação”, afirmou o gaúcho, por meio de sua assessoria.

A história mostra deixa claro que, nos bastidores, a disputa pela indicação do PSDB à disputa presidencial continua feroz. Desde o início das prévias, o clima entre os dois tucanos é tenso. A mais recente polêmica foi sobre o adiamento na divulgação dos resultados da votação de domingo.

Para piorar, paira a desconfiança entre Leite e Doria com acusações mútuas de que pode haver fraude na eleição interna.



“Em nenhum momento pedi adiamento da vacinação. O ministro me ligou, liguei para o meu colega de partido e relatei o telefonema. E dei, inclusive, razão a Doria para iniciar a vacinação”

Eduardo Leite, governador do RS dando sua versão do ocorrido

Chapa com Alckmin pode deslanchar

» LUANA PATRIOLINO

A chapa Lula-Alckmin pode se tornar realidade nas eleições de 2022. Desde que foram anunciadas conversas sobre uma aliança entre o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin para disputar a Presidência da República, em 2022, o mundo político tem convivido com as especulações a respeito dos prós e contras na união entre dois ex-adversários declarados.

Segundo fontes, a ideia da chapa nasceu de uma ala do PT de São Paulo, com ajuda do ex-governador Márcio França, do PSB. Com Alckmin fora do páreo e vice de Lula, França teria o caminho livre para tentar o Palácio dos Bandeirantes.

Alckmin, que ainda não decidiu seu futuro político, continua filiado ao PSDB e condiciona uma definição às prévias do partido para a escolha do candidato tucano à Presidência da República, no próximo domingo. Segundo seus aliados, o objetivo do ex-governador, hoje, é ajudar a derrotar João Doria nas prévias — daí porque tem feito

Ricardo Stuckert



Lula foi recebido por Macron, que é desafeto de Bolsonaro

campanha nos bastidores para Eduardo Leite.

Mas enquanto as manobras eleitorais por aqui não se concretizam, Lula continua a fazer contatos na Europa na tentativa de resgatar a imagem do país

no continente. Ontem, na França, ele disse que o Brasil precisa voltar ao cenário internacional após o “isolamento” provocado por Bolsonaro. Segundo o petista, o atual governo “fez o Brasil dar as costas ao mundo”.

Isolamento nocivo

“O isolamento político e diplomático do Brasil é nocivo não somente para nosso país, mas também para a comunidade de nações”, salientou Lula, durante conferência na universidade de Sciences Po, de Paris, antes de encontrar com o presidente Emmanuel Macron. Ele deve se encontrar, hoje, com o presidente espanhol Pedro Sánchez.

Na França, Lula almoçou com a prefeita da capital, Anne Hidalgo. A candidata socialista à presidência da França em 2022 recebeu com um abraço o “amigo” brasileiro, a quem concedeu o título de cidadão honorário de Paris, em 2020.

“Ele é um visionário, um homem do povo, uma inspiração e ele tem meu apoio”, elogiou Hidalgo antes do encontro com Lula em um bistrô parisiense.

Já na Espanha, Lula participará do fórum “Cooperação multilateral e recuperação regional pós-covid-19” junto com o ex-presidente do governo espanhol José Luis Rodríguez Zapatero e o atual chanceler, José Manuel Albares, entre outros.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br

Pra não dizer que não falei da viagem de Lula

A viagem do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva à Europa está sendo um sucesso. O petista foi recebido calorosamente em todos os lugares, com destaque para a ovacionada passagem pelo Parlamento Europeu, no qual falou como um player da política mundial e foi aplaudido de pé, e pela pomposa recepção de chefe de Estado que lhe foi oferecida pelo presidente francês Emmanuel Macron, desafeto do presidente Jair Bolsonaro, no Palácio do Eliseu, em Paris. No domingo, em Berlim, Lula havia se reunido com o futuro primeiro-ministro da Alemanha, Olaf Scholz, do SPD (partido social-democrata alemão), que articula o novo governo, como sucessor da chanceler Angela Merkel.

Lula aproveitou-se do enorme distanciamento existente entre o presidente Jair Bolsonaro e a maioria dos líderes do Ocidente. De certa forma, com suas duras críticas ao atual governo brasileiro e o lastro de um veterano na diplomacia presidencial, o petista se recolocou na cena política mundial como vítima de perseguições políticas e grande líder democrata do país, para aprofundar o isolamento internacional de Bolsonaro, cuja eleição, em 2018, se deu num cenário completamente diferente. Aquela época, o presidente norte-americano Donald Trump; o ministro do Interior italiano Matteo Salvini; o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, e o primeiro-ministro húngaro Victor Orban, o único que permanece no cargo (desde 2010), eram as referências de Bolsonaro na política internacional.

Tudo mudou, mas engana-se quem imagina que a política externa de Bolsonaro passou por alteração profunda. Perdeu o histrionismo e a narrativa reacionária e rebuscada do ex-chanceler Ernesto Araújo, chauvinista e bolsonarista-raiz. O novo chanceler Carlos Alberto Franco França, mais sofisticado e competente, opera de forma mais suave um novo eixo de relações reacionárias, mas que são modelos de modernização autoritária dos mais eficientes da atualidade, como ficou evidente nessa viagem de mascate aos emirados de Dubai, do Bharein e do Catar. São países que operam um modelo econômico capitalista pós-economia do petróleo, em bases tecnologicamente avançadas, porém, alicerçadas em sistemas políticos autocráticos, muito repressivos, injustos do ponto de vista social e reacionários quanto aos costumes.

A corrida mundial

Um modelo completamente diferente do estado de bem-estar social construído na Europa de pós-guerra, com base na democracia representativa, que enfrenta uma crise de representação desde a década de 1980, mas que sobreviveu a todas as tempestades econômicas e políticas até agora, quando nada porque a memória de duas guerras mundiais, em particular do Holocausto, não foi olvidada. Quando Lula fala da necessidade de governança mundial para enfrentar a questão ambiental e as desigualdades sociais e nacionais, isso é música para a União Europeia. Ao contrário, quando Bolsonaro afirma que o Brasil vai muito bem, obrigado, e faz contrainformação ao falar da nossa economia e da Amazônia, declara guerra à opinião pública europeia, cada vez mais influente nessas questões.

Existe uma corrida mundial para reinventar o Estado, em função das aceleradas mudanças tecnológicas que ocorrem no planeta. Países asiáticos, como China e Cingapura, lideram essa corrida, enquanto as democracias ocidentais patinam na aprovação e execução de reformas com objetivo de acompanhar o desenvolvimento econômico desses países. Na mudança de eixo do comércio mundial do Atlântico para o Pacífico, cuja hegemonia é disputada pelos Estados Unidos e pela China, as autocracias do Oriente Médio, principalmente do Golfo Pérsico, passaram a ter uma posição ainda mais estratégica, em termos de logística e operações financeiras.

É natural que o Brasil esteja conectado às economias desses países árabes, como grande produtor de commodities de alimentos e minerais, e que também procure aumentar a complexidade da nossa balança comercial, exportando também produtos industrializados nos quais ainda temos competitividade, como é o caso dos aviões fabricados pela Embraer. Mas esse não pode ser o eixo principal da nossa política externa, pois, historicamente, estamos no campo das democracias do Ocidente, ainda que tenhamos passado por ciclos autoritários de 1930 a 1945 (Vargas) e de 1964 a 1985 (regime militar).

O fato de a China ser o principal parceiro comercial do Brasil é uma contradição em termos, porque o pragmatismo da diplomacia de Pequim releva as diferenças ideológicas e políticas, ainda que elas existam e sejam profundas. Nesse aspecto, Bolsonaro também abre o flanco para o ex-presidente Lula, ao espicaçar o governo chinês regularmente, como se o gigante asiático dependesse mais de nós do que nós dependemos dele, o que não é o caso. Os sinais de que o presidente Xi Jinping “replanteou” a política chinesa em relação ao Brasil de Bolsonaro são mais evidentes. Não será surpresa se a próxima investida do ex-presidente Lula na política internacional for em direção à China. O paradigma a ser considerado são as excelentes relações com os governos da Argentina, da Venezuela, da Nicarágua e de Cuba.